Correio da AESE
DOCUMENTAÇÃO
22.set.2021
N.784
AESE BUSINESS SCHOOL
www.aese.pt

Índice

A ética do cuidado 1
Trabalhar e cuidar 4

A ética do cuidado

A pandemia, ao tornar evidente a fragilidade humana, pôs em relevo simultaneamente a necessidade e o valor do trabalho dos que cuidam de outros. Isto é um convite para abordar a "ética do cuidado", uma corrente de pensamento moral, social e político que vê na vulnerabilidade das pessoas e na solicitude por elas um aspeto essencial da vida individual e coletiva.

A ética do cuidado constitui já um corpo de doutrina, elaborado principalmente por feministas norte-americanas. Iniciou-a Carol Gilligan, em 1982, com a sua obra "In a Different Voice".

Joan Tronto é a segunda grande figura da corrente; o seu contributo revela-se em dois livros: "Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care" (1993), e "Caring Democracy: Markets, Equality, and Justice" (2013).

Pouco depois de Gilligan, Nel Noddings em "Caring: A Feminine Approach to Ethics and Moral Education" (1984) abre uma nova via, que sublinha os sentimentos e a inclinação natural como base do cuidado. Anos mais tarde, Noddings amplia a sua tese noutro livro, "The Maternal Factor: Two Paths to Morality" (2010), onde defende que o instinto materno é uma fonte primordial de moralidade. Também Sara Ruddick, que morreu em 2011, seguiu, a seu modo, esta linha no seu estudo "Maternal Thinking: Toward a Politics of Peace" (1995).

Outras duas autoras importantes são a já falecida Annette Baier ("Moral Prejudices. Essays on Ethics", 1995), neo-zelandesa, e Eva Feder Kittay, que em "Love's Labor. Essays on Women, Equality and Dependency" (1999) estuda a condição das pessoas dependentes.

Como muitas das pensadoras desta corrente são feministas que vêm da tradição pós-estruturalista, não é estranho que a ética do cuidado tenha nascido nos Estados Unidos e a seguir tenha tido eco sobretudo em França. Entre as representantes francesas podemos citar Pascale Molinier, que reflete sobre as profissões do cuidado em "Le care monde" (2018), e Fabienne Brugère, que, além de alguns estudos, tem uma útil introdução à ética do cuidado: "L'étique du 'care'" (2017).

Existem igualmente contributos de outras proveniências. Nomeadamente, graças a Robert Goodin ("Protecting the Vulnerable: A Reanalysis of Our Social Responsibilities", 1985), a vulnerabilidade é adotada como um dos conceitos centrais da ética do cuidado. Também uma obra de Alasdair MacIntyre, "Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues", ("Aceprensa", 14.11.2001) conflui com a corrente do cuidado na sua crítica do racionalismo ético de raiz kantiana e a sua visão do agente moral como um ser corpóreo e necessitado.

Uma perspetiva feminina

O ponto de partida da ética do cuidado é a observação de que as mulheres têm outro modo de abordar as questões morais. Essa é a "voz diferente" que Gilligan descobriu ao falar com muitas delas para um estudo de psicologia evolutiva, a sua especialidade. Mas o facto pode ser interpretado de diversas maneiras.

Para Nel Noddings, a perspetiva moral feminina está enraizada na capacidade de ser mãe, de alimentar e cuidar da vida do filho. Embora não seja exclusiva dela, a tendência natural para

cuidar, presente em todo o ser humano, tem na sua versão feminina um caráter e uma intensidade peculiares. Diversamente de certa mentalidade racionalista e mais masculina, a mulher tende a tomar decisões atendendo não somente a princípios abstratos de justiça, como mais à vertente afetiva; não apenas ponderando direitos, como preocupando-se em especial com as consequências para as pessoas; prefere evitar os conflitos e preservar a relação com os outros, que valoriza mais.

São ideias populares já desde tempos antigos, como salienta Joan Tronto ao recordar o lema sufragista de há um século: "Se as mulheres votassem, não haveria mais guerras". Hoje continua a usar-se o argumento de que as mulheres tendem a reduzir a conflitualidade para defender, por exemplo, a conveniência de aumentar a presença feminina nos conselhos de administração. O mesmo está também presente nos elogios ao estilo "empático" de governar da primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern, mostrado nomeadamente aquando dos atentados de Christchurch e durante a pandemia. O caso dela e de outras dirigentes nacionais suscitou comentários sobre o melhor comportamento com a covid-19 que pareciam ter países governados por mulheres.

Ética feminista

As outras representantes da ética do cuidado, que seguem na esteira de Gilligan e são maioria, concordam em grande parte com Noddings na descrição do modo feminino de olhar para os assuntos morais, mas discordam radicalmente na interpretação. A tese de Noddings parece-lhes naturalista e com tendência para justificar o relegar das mulheres para a família e para a esfera privada, ao sugerir que isso é, por natureza, para onde se inclinam e o que, no fundo, desejam; desse modo, é um obstáculo para a igualdade com os homens.

Menos objeções colocam a Sara Ruddick, cujo "pensamento maternal" não é simplesmente natural, mas sim, antes de tudo, uma inteligência educada e competências. Mas criticam-lhe que codifique a especificidade feminina na maternidade, porque consideram isso excludente de muitas mulheres. E consideram que deixa de lado a libertação da mulher e a luta pela igualdade.

Segundo Gilligan, essa abordagem "maternal" revela uma "feminidade imposta": a ideia tradicional de "mulher boa" esquecida de si mesma e dedicada aos outros. É significativo que em "In a Different Voice", Gilligan dedique dois capítulos ao aborto, onde defende que não é uma negação do cuidado, mas daquele modelo de entrega total. Ao examinar as argumentações morais pelas quais as mujeres chegam à decisão de abortar, conclui que consideram a responsabilidade de cuidar de acordo com um ponto de vista amplo, que inclui as necessidades alheias e as próprias.

Para a maioria destas pensadoras, que os homens sejam mais competitivos, e as mulheres favoreçam mais a cooperação, etc., trata-se de estereótipos. Não têm origem na Natureza, mas em modelos patriarcais inculcados nas meninas e nos meninos a partir da primeira infância. Ao trazer à luz do dia as vozes morais femininas, Gilligan não pretende substituir um estereótipo por outro. O seu objetivo sempre foi, diz, questionar preconceitos muito difundidos sobre a moral, para destacar o valor das práticas de cuidar dos outros, que estão subestimadas por serem exercidas em grande parte por mulheres. Mas essa voz apagada do cuidado pôde ser ouvida também, alerta, nas jovens chamadas às fileiras para combater no Vietname, que se propunham responder ou não pensando nas responsabilidades partilhadas e na relação com os outros, vencendo o estereótipo masculino.

Por último, Gilligan propõe que a ética da responsabilidade (estereotipicamente feminina) e a ética dos direitos (estereotipicamente masculina) se completem mutuamente. Não quer – como tão-pouco Tronto – una "moral de mulheres", mas sim uma "ética feminista", nascida da experiência das mulheres e que facilite a elas o alcançar da igualdade real. Nas palavras de Annette Baier: "Uma ética feminista não tem a ver com guerra das mulheres contra os homens: a melhor teoria moral deve ser um produto coletivo das mulheres e dos homens, deve harmonizar a justiça e a solicitude" ("The Need for More Than Justice", em Ann Cud e Robin Andreasen [eds.], "Feminist Theory", 2005).

Dialética da dominação

Como se vê especialmente em Gilligan e noutras pensadoras, esta ética feminista segue o esquema dialético de dominação patriarcal. A insistência na desigual repartição do poder – neste caso, entre os homens que delegam o cuidado e as mulheres que cuidam e, inclusivamente, entre quem cuida e quem recebe o cuidado – não acaba por casar com a sua reivindicação do cuidar, que é um serviço e, por vezes, não faz justiça à realidade do nosso tempo. Algumas autoras continuam a conceber o casamento à maneira de Friedrich Engels, como uma relação de domínio e exploração da mulher. Criticam o neoliberalismo como se tivesse privatizado tudo e aniquilado o Estado Providência.

Mais matizada é a posição de Joan Tronto, que pretende abrir um espaço à ética do cuidado no quadro da democracia liberal. Afasta-se do setor do feminismo centrado na repartição de poder, porque – diz – não representa as mulheres em desvantagem social e, sobretudo, porque pressupõe aceitar as regras de jogo da dominação masculina. Pelo contrário, considera que a ética do cuidado oferece uma perspetiva de partida mais justa e mais benéfica para a causa feminista. Não codificar o problema na concorrência pelo poder e fomentar a responsabilidade de todos por todos, é um caminho mais direto para a igualdade.

A ética do cuidado não é inteiramente separável dos debates feministas. Em todo o caso, apresenta contributos luminosos e muito dignos de serem tidos em conta.

Antropologia encarnada

Quanto à filosofia moral, a ética do cuidado fundamenta-se numa antropologia encarnada, que tem em conta, por isso, a vulnerabilidade, a condição corporal, a necessidade de relação com os outros e de ajuda: a vida das pessoas concretas. Pressupõe superar uma das "fronteiras morais" a que se refere Tronto no seu livro: a do "ponto de vista ético", entendido como o do agente racional e desinteressado, próprio do kantismo, que é também o árbitro da justiça na teoria de John Rawls.

Tal visão tende a relegar para um lugar secundário, um espaço privado habitado por mulheres, a criação dos filhos, as necessidades de cuidado que têm as pessoas ao adoecer ou envelhecer… Com efeito, diz Tronto, "as questões em torno do cuidado não foram consideradas centrais para a maioria dos pensadores e politólogos de tradição ocidental".

Mas, na realidade, nenhum ser humano se basta a si próprio; somos fundamentalmente vulneráveis e interdependentes. Como observa Tronto, "ao longo da vida, cada um de nós passa por diversos graus de dependência e independência, de autonomia e vulnerabilidade". O ideal moderno de autonomia não é, no fundo, realista. Haveria que incorporar a fragilidade e o cuidado à ética e à política "normais", em vez de registá-los na periferia das anomalias que não se encaixam numa teoria da perfeição.

Essa é também a periferia social e económica. Os "fortes" dedicam-se à atividade produtiva e à competição profissional, graças ao facto de outros assegurarem tudo o que seja relativo ao cuidado: a criação dos filhos, o atendimento dos idosos e pessoas dependentes, o voluntariado social… Eva Feder Kittay vê na mentalidade do sucesso e da autonomia, aquilo que leva o cuidar a ser situado nas margens e dos que o exercem – mulheres na sua maior parte – a serem subestimados.

Em "Love's Labor", Kittay abre uma reflexão moral e política sobre as grandes dependências, que são formas extremas de vulnerabilidade. Evoca a sua própria experiência com uma sua filha, afetada por uma deficiência mental severa. Com tais pessoas, nunca poderá haver qualquer reciprocidade, pelo que não podemos salvar o ideal da emancipação recorrendo à interdependência: "hoje por ti, amanhã por mim" não funciona nestes casos. Kittay reivindica que as pessoas totalmente dependentes e os que cuidam delas não sejam invisíveis, mas que gozem da representação que merecem. Por isso, uma sociedade justa – regista Fabienne Brugère em "L'éthique du 'care'" – "não pode considerar a dependência uma questão periférica: deve fazer dela um problema central". Concretamente, deve "não apenas defender instituições favoráveis às pessoas dependentes, como, além disso, oferecer, aos que dispensam os cuidados, recursos, apoio e oportunidades de desenvolverem as suas competências".

Cuidar tem a ver com todos

As tarefas de cuidado são estritamente imprescindíveis, como é fácil reconhecer depois da pandemia no caso de que o tivéssemos esquecido. E se, como salienta Tronto, a vulnerabilidade, de um modo ou de outro, antes ou depois, é universal, também deverá sê-lo o cuidado.

A desigualdade social, e em grande parte também sexual, entre os que buscam o sucesso e os que, na sombra, cuidam, terá de suscitar uma reflexão sobre o que fazemos todos, individual e coletivamente, para cuidar. A verdade é que o assunto não se reduz a determinados ricos que contratam amas imigrantes. Há muitas necessidades de cuidado que cidadãos de uma ampla classe média, ou mais baixa, têm grandes dificuldades para satisfazer, por si mesmos ou pagando a outros, e não só por motivos económicos.

Do ponto de vista da ética do cuidado, a conciliação entre vida laboral e vida familiar é muito mais do que uma distribuição do tempo. As tarefas de cuidar distinguem-se por uma dedicação nem sempre regular, ou regulada em parte pelos imprevistos da vida humana; tornam-se impossíveis se as exigências da produtividade não deixam tempo ou forças para cuidar. E isto não se resolve simplesmente pondo termo ao trabalho, se – como defende Tronto – parte do problema está noutra das "fronteiras morais" – entre o público e o privado – que, segundo ela, se deve substituir. "Separar o trabalho de todas as restantes atividades da vida", afirma, "e submetê-lo às leis do mercado, foi aniquilar todas as formas orgânicas de existência e substituí-las por um tipo diferente de organização, atomista e individualista".

Necessitamos, portanto, de outros modos de abordar a vida, que levem a soluções novas de modo a assegurar o cuidado (ver "Trabalhar e cuidar"). As propostas de pensamento e ação inspiradas na ética do cuidado podem – como diz Tronto que espera conseguir em "Moral Boundaries" – "oferecer uma amostra de um mundo diferente, onde o cuidado diário de pessoas a outras seja um valioso pressuposto da existência humana".

R. S.

Trabalhar e cuidar

Como assegurar o cuidado das pessoas na sociedade atual? Eis uma proposta na perspetiva da ética do cuidado.

As tarefas de cuidar de pessoas têm sido levadas a cabo tradicionalmente graças à disponibilidade das mulheres. Mas esta solução tornou-se mais difícil com a crescente atividade profissional feminina e o aumento das necessidades devido ao envelhecimento da população. A ética do cuidado convida a pensar em abordagens políticas e sociais que revalorizem o cuidar e favoreçam o seu exercício tanto por homens como por mulheres. A socióloga feminista Nancy Fraser examina a questão num estudo muito citado, "After the Family Wage: A Post-industrial Thought Experiment" (incluído no seu livro "Justice Interruptus: Critical Reflections on the 'Postsocialist' Condition", 1997).

Para compensar a menor disponibilidade das mulheres, experimentaram-se duas possibilidades, diz Fraser. Uma é confiar o cuidado a profissionais e instituições, com ajudas sociais para contratá-los. O inconveniente é que, como já se observa, o cuidado converte-se num trabalho pior remunerado e exercido por uma maioria de mulheres.

Outra possibilidade é avançar com verbas que compensem os que reduzem a dedicação ao trabalho para se ocuparem de crianças, pessoas idosas ou de tarefas domésticas: isto é, que a atividade profissional combinada com o cuidado equivalha a um emprego a tempo inteiro, com um salário completo. Isto pressupõe à partida a revalorização do cuidado, colocando-o à altura do trabalho "produtivo". Mas, por falta de uma sólida educação dos homens que os levem a cuidar, continuarão a ser as mulheres quem quase sempre irão reduzir a jornada laboral.

Segundo Fraser, a solução é abandonar a separação entre os que trabalham e os que cuidam. Haveria que examinar, como diz Fraser no seu trabalho, se o *free rider* é a mãe solteira que se esquiva ao trabalho graças às prestações sociais, ou mais o homem com emprego que se esquiva ao cuidado. Todos têm de cuidar, e o cuidado não pode ser considerado uma pura atividade marginal que pressupõe um custo para a atividade produtiva, mas um verdadeiro trabalho. Mas como o cuidar não pode ser completamente mercantilizado, é possível sustentar isso com um rendimento básico universal ou com mais uma prestação da segurança social.

Além disso, continuará a haver falta de cuidados profissionais ou fora do lar, que as políticas públicas teriam de cobrir. Mas é importante que o Estado não substitua nem afogue as iniciativas da sociedade civil, porque um monstro assistencial não funcionaria, e a solidariedade informal oferece uma personalização do cuidado.

Fraser reconhece que falta muito para que se possa adotar uma solução geral que vá nessa direção. Mas é necessária uma nova mentalidade antes do aparecimento de novas fórmulas, que chegarão quando a mentalidade for outra.

R. S.